



Heraldo Camerini/Fiesc

Encontro Brasil-Alemanha: novas possibilidades para SC

*Começa nessa segunda-feira (21), em Joinville, o 33º Encontro Econômico Brasil-Alemanha (EEBA), que pela terceira vez acontece em Santa Catarina. O presidente da Federação das Indústrias (Fiesc), Glaucio José Côrte, um dos entusiastas do evento, conta nessa entrevista exclusiva à **Coluna Pelo Estado** a importância do EEBA para o estado e para o país, especialmente nesse momento de retração da economia e incertezas políticas. Para Côrte, o encontro agirá na autoestima e, mais que isso, abrirá portas comerciais para os dois lados. “O Brasil se tornou refém do Mercosul. A Europa, sobretudo a Alemanha, é um grande parceiro do Brasil e temos que fazer um esforço para eliminar as barreiras ainda mantidas”, analisou. O EEBA despertou tanto interesse que superou o teto de inscrições na semana passada e há extensa lista de espera para os fóruns e as visitas técnicas previstas na programação.*

[PeloEstado] - Qual a importância, para Santa Catarina, do Encontro Econômico Brasil-Alemanha?

Glaucio Côrte - Para Santa Catarina a repercussão é maior do que podemos imaginar, porque estamos inserindo o estado no contexto internacional. Já temos uma grande tradição de comércio exterior, especialmente com a Alemanha, mas que está se expandindo. O encontro abre novas possibilidades para o estado. E o encontro vem na hora certa. O tema é “Cooperação para superar desafios” e a cooperação sempre se dá no nível externo quanto interno. Esse é o maior evento empresarial entre os dois países e vamos ter oportunidade de promover debates, articulações, rodadas de negócios, num momento em que o Brasil percebe como uma das mais importantes saídas para a crise a ampliação do nosso espaço no mercado externo.

[PE] - E a Alemanha desponta nesse sentido.

GC - A Alemanha é campeã nisso. É um dos principais países com força no mercado internacional. E ainda nos traz a experiência da inserção no mercado internacional das pequenas e médias empresas, o que coincide com um programa que a Fiesc tem, em cooperação com o Sebrae, para capacitar e promover a inserção das empresas desse segmento no exterior. Nós temos, em Santa Catarina, empresas muito bem, com produtos qualificados, com tecnologia, mas que têm dificuldades de acessar o mercado externo. Será uma excelente oportunidade para contatos e estabelecimento de parcerias. A Alemanha qualifica muito bem as suas empresas, promove essa inserção e nós queremos repetir aqui essa experiência.

[PE] - O senhor falava sobre a cooperação. Em que níveis

isso deve ocorrer?

GC - Neste momento de dificuldades da nossa economia, a cooperação é muito importante para que as indústrias, as empresas de modo geral, também estabeleçam parcerias no mercado interno. Se o setor vai bem, indica que as indústrias desse setor estão bem. Mas se uma indústria é afetada por razões de economia, ou mesmo má gestão, isso contamina o setor. Por isso a importância da cooperação. E nós, da Fiesc, temos condições de fazer essa associação de empresas e apoiar setores, com encontros, missões empresariais. No início de outubro, por exemplo, a Fiesc vai coordenar uma missão brasileira à China, que já tem mais de 150 inscritos.

[PE] - Como foi a procura para o Encontro?

GC - Muito boa! Nosso teto era de mil inscrições e já na quinta-feira (18) ultrapassamos esse número. O que está causando surpresa é que temos inscritos 184 empresários alemães. Em termos proporcionais, é a maior participação de empresários alemães num Encontro Brasil-Alemanha. Isso causou surpresa até no presidente da CNI (Confederação Nacional da Indústria), Robson Braga de Andrade. Aliás, ele estará na abertura do encontro, junto com o ministro Armando Monteiro (do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior), o ministro Aldo Rebelo (da Ciência, Tecnologia e Inovação) e representantes do Itamaraty. A procura foi tanta que temos fóruns com fila de espera, como o de *Inovação para o Futuro*, para o qual abrimos 190 vagas e já temos fila de espera de 227 pessoas. o que demonstra o interesse no evento e nos temas. Há inclusive inscrições, mesmo que em número pequeno, de empresários dos Estados Unidos e da Inglaterra.

[PE] - E as visitas técnicas, também estão concorridas?

GC - Teremos visitas técnicas na BMW, na Siemens (ambas de origem alemã), no Porto de Itapoá e no Instituto Senai de Inovação. Todas com lista de espera. O máximo por visita é de 40 visitantes. Para a BMW são 52 na lista de espera, 73 para o porto e 160 para a Siemens. E o que me chamou a atenção é que tem 89 empresários de fora de Santa Catarina na lista de espera para conhecer o nosso Instituto Senai de Joinville!

[PE] - Este é o 33º Encontro Econômico Brasil-Alemanha, terceiro em Santa Catarina. Tem algum diferencial?

GC - Sim. Pela primeira vez nos encontros Brasil-Alemanha, tanto lá quanto aqui, faremos o *business host*. Ou seja, abrimos a possibilidade de o empresário alemão chegar um pouquinho antes ou sair um pouquinho depois, para ser recebido por empresas brasileiras. Já temos 60 empresários alemães com reservas e fizemos o agendamento com as indústrias e empresas que eles querem visitar, acompanhados de um padrinho. Como eu disse, é a primeira vez que isso ocorre e o número indica sucesso absoluto da iniciativa. Vamos dar preferências a empresas catarinenses, mas vamos viabilizar visitas a outros estados e outros setores.

[PE] - Também está prevista uma reunião da diretoria da CNI. Qual a pauta?

GC - A pauta da reunião passa pelas últimas medidas anunciadas pelo governo federal. Será o assunto mais polêmico e certamente vai sair uma posição do setor industrial. A CNI e as federações têm posição contrária a qualquer aumento de carga tributária, à interferência no Sistema S (composto por Senar, Senac, SESC,

Sescoop, Senai, SESI, SEST, Senat e Sebrae), de redução de repasse de recursos. As federações estão mostrando o impacto que isso terá se for concretizado e temos a esperança de que, se o governo não se convencer e não recuar do aumento de carga tributária e da apropriação indevida dos recursos do Sistema S, o Congresso rejeite as medidas.

[PE] - Sobre o momento do Brasil, o que vislumbra?

GC - A situação se agravou ainda mais nesse segundo semestre, ao contrário do que se esperava. O governo não conseguiu implementar o seu ajuste fiscal, perdemos o selo de país bom pagador, a base do governo está muito fracionada no Congresso e as propostas encaminhadas pelo governo podem ser consideradas mais um desajuste da economia do que um ajuste, uma vez que toma recursos da iniciativa privada. Diante de tudo isso, nossa recuperação será mais lenta. Dificilmente, a economia brasileira retomará fôlego antes de 2018. E tudo depende muito do que vai acontecer com o governo.

[PE] - O senhor vê risco de impeachment?

GC - Nem chamaria de risco, mas de probabilidades, que são maiores hoje do que eram no início do ano. O sentimento é que estamos sem um governo que tem o comando da situação, até por conta das posições erráticas. Veja: a CPMF (Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira) foi rejeitada já em 2008. O governo fez uma tentativa de reeditar há um mês, a reação contrária foi forte e mesmo assim insistem com uma alíquota de 0,2% que na noite do mesmo dia já estava em 0,38%. Agora já estão admitindo rever. O governo chegar a ter a ousadia de dizer o que vem

para o Sistema S, que, no nosso caso, é um recurso que a indústria canaliza, portanto do setor privado, tem que ir para cobrir o rombo da Previdência, é um reconhecimento que não tem condições de administrar esse déficit, que não se formou no atual governo. É um acúmulo que vai se tornando cada vez mais grave.

[PE] - O que fazer?

GC - Muito do que se espera para a recuperação da economia depende mesmo do poder Executivo. Mas o que nós precisamos de fato é uma reengenharia do setor público, que envolva também o Legislativo e o Judiciário. Chegamos a um ponto tão delicado e crítico que não é possível a reação de apenas um desses poderes constituídos. Pode se formar uma grande aliança. Todos nós somos contra o aumento de tributos, mas a iniciativa privada até aceita um sacrifício adicional quando as regras forem claras, quando a política for clara. E se perceber que, ao final de um período de sacrifícios, haverá condições para a retomada do crescimento do país. O que hoje causa perplexidade é que as medidas do governo contraem mais a economia, agravam o desemprego. Se esse aumento da carga tributária passar, pode haver reação no curtíssimo prazo, mas a tendência é que em seguida a economia encolha mais e a arrecadação caia.

[PE] - Esse clima pode tirar o brilho do Encontro?

GC - Não acredito. E o número de confirmações de inscrições, com mais de 900 empresários brasileiros, é um bom sintoma que o empresariado quer se manter ativo, acredita que é possível nós revertermos a situação. Nós precisamos é de um setor público que nos ajude e não atrapalhe como tem sido costumeiro nos últimos anos.